



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, antes da partida para o Palácio da Revolução para encontro com o Presidente de Cuba, Raúl Castro

Havana-Cuba, 24 de fevereiro de 2010

Presidente: Ih, rapaz, como é que eu posso abandonar aqui, com um monte de microfone?

Jornalista: Boa tarde.

Presidente: Boa tarde. Vocês começam *haciendo* perguntas, ou *yo...* Deixa, primeiro, dizer a vocês que eu acabo de fazer uma reunião com um grupo de empresários brasileiros que estão fazendo investimentos em Cuba e estão fazendo investimento em outros países da América Central e da América Latina, e isso faz parte de uma política de incentivo do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio e do governo brasileiro, de fazer com que as empresas brasileiras possam competir de forma mais arrojada no mercado latino-americano, seja na venda de serviços, seja na venda de produtos.

E aqui, em Cuba, nós temos mais de 30 empresas trabalhando todas as possibilidades possíveis. E uma das possibilidades que vocês viram foi aquela nossa visita ao porto de Mariel, que é uma expectativa extraordinária porque é um porto que vai ter um calado de 17 metros, uma profundidade de 17 metros, portanto, podendo receber navios de grande tonelagem. E nós trabalhamos com a perspectiva de que o bloqueio a Cuba não existe mais nenhum sentido e que, em algum momento, ele pode cair. Portanto, Cuba terá uma capacidade extraordinária de transitar no comércio internacional, sobretudo na questão dos contêineres.



É por isso que o Brasil está entusiasmado em fazer o financiamento para que empresas brasileiras possam trabalhar aqui e ajudar no desenvolvimento deste país. Como, da mesma forma, encontrei agora com o Presidente da Guatemala e a alegria dele de ter recebido 3.500 ônibus brasileiros para renovar todo o setor de transporte coletivo na Guatemala. E como em El Salvador, onde eu vou depois de amanhã, em que também são as empresas brasileiras que vão vender ônibus para renovar todo o sistema de transporte coletivo de São Salvador e do interior de El Salvador.

E assim, a gente vai tendo uma participação extraordinária no desenvolvimento desses países levando a nossa tecnologia, levando nossos serviços, levando a nossa engenharia e de repente o Brasil se transforma em um país muito importante em todo o continente latino-americano.

Vocês sabem da minha alegria da Cúpula que aconteceu no México, ontem. Porque vocês estão lembrados que no dia 8 de dezembro de 2008, nós fizemos a primeira reunião em Sauípe, no Brasil. Era uma reunião sem muita pretensão porque era a primeira vez, em 200 anos, que nós estávamos reunindo toda a América Latina e Caribe sem Canadá, Estados Unidos e Europa. Éramos só nós para discutir entre nós os nossos problemas e ver se nós teríamos condições de encontrar soluções. E qual não foi nossa surpresa que na segunda reunião a gente já conseguiu constituir a Comunidade da América Latina e do Caribe e que, portanto, nós vamos ter um fórum próprio que será regulamentado até o próximo encontro na Venezuela, em 2011. Eu já não serei mais presidente, mas estarei torcendo para que a gente consiga ter mais um fórum multilateral capaz de ajudar com que nós encontremos soluções para os nossos problemas.

Por último, vocês acompanharam pelo noticiário da imprensa a controvérsia entre Chávez e Uribe no almoço. Um almoço que... eu já tinha terminado o almoço, eu já tinha me despedido do presidente Préal e tinha ido ao hotel fazer uma entrevista para a CNN, quando voltei, eu fui chamado para



uma reunião que era para discutir o entreviro que tinha havido entre Chávez e Uribe. E foi muito interessante porque nós tivemos reuniões com o presidente Chávez, nós tivemos reuniões com o presidente Uribe, depois nós tivemos outra vez com o Chávez, depois outra vez com o Uribe, e os dois presidentes se colocaram de acordo de que era preciso a gente criar uma coordenação para distensionar o clima tenso entre Colômbia e Venezuela e, por conta da vontade dos dois presidentes, nós montamos um grupo de trabalho do qual faz parte o Brasil, faz parte a República Dominicana, o México, Cuba, Argentina e Chile, para ver se a gente começa a distensionar e fazer a... a voltar a ter um clima de paz entre Colômbia e Venezuela.

De forma que eu acho que, aos poucos, o Brasil vai dando a sua contribuição e vai ganhando mais importância no cenário político na América Latina.

Jornalista: Como é que foi o encontro com o Fidel?

Presidente: Dito isso... Olha, foi importante. Primeiro, eu fiquei feliz porque o presidente Fidel Castro está melhor do que da última vez que eu o visitei. Ou seja, ele está fisicamente bem, a cabeça bem, pensando bem a questão da política. Ele... Obviamente que as questões políticas que eu tinha que conversar são com o presidente Raúl, não são com o presidente Fidel Castro, porque a minha reunião com ele foi mais uma reunião de velhos amigos, de velhos companheiros. Ele muito interessado no Brasil, muito interessado em saber das coisas do Brasil.

Então, foi uma pequena conversa de duas horas e meia, onde nós trocamos muitas ideias, discutimos muitos assuntos: cana-de-açúcar, soja, leite, eletricidade, o que você possa imaginar nós discutimos. E eu fico feliz que ele está bem, está bem, está bem, sabe? Com mais disposição do que da outra vez. Então, eu fiquei feliz.



Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Faça a pergunta alta. Alta, senão a Tânia vai querer perguntar depois de você.

Jornalista: Um grupo de dissidentes do governo de Cuba chamou hoje o senhor de cúmplice, de conivente com a violação de direitos humanos do governo cubano, (incompreensível) com relação a esse assunto. O que o senhor achou (incompreensível)?

Jornalista: E nem ter recebido a carta.

Presidente: Olha...

Jornalista: Principalmente depois da Cúpula, não é, Presidente? Que assinaram um tratado (incompreensível) direitos humanos e tudo o mais.

Presidente: Olhe, primeiro... Primeiro, primeiro, se eles já são dissidentes de Cuba e, agora, querem ser dissidentes do Lula, não tem problema nenhum. Eu não recebi nenhuma carta.

As pessoas precisam parar com o hábito de fazer carta, guardar para si e depois dizer que mandaram para os outros. Ou seja, quando uma pessoa manda uma carta para um presidente, no mínimo a pessoa só pode dizer que o presidente recebeu a carta se essa carta for protocolada. E eu não recebi nenhuma carta. E, lamentavelmente, eu já ouvi dizer que eu recebi uma carta pela imprensa quando, na verdade, eu não recebi carta.

Segundo, se eles tivessem pedido para mim para conversarem comigo, eu teria conversado com eles, acho que qualquer presidente teria conversado



com eles. Nós não nos recusamos a conversar.

Agora, veja, nós temos que lamentar. Mas lamentar, eu diria, como ser humano, de alguém que morreu, e alguém que morreu porque decidiu fazer uma greve de fome, que vocês sabem que eu sou contra a greve de fome. Sou contra porque fiz, sou contra porque parei a greve de fome a pedido da Igreja Católica brasileira, que não admitia a greve de fome, fui contra quando o bispo da Bahia fez greve de fome, no caso do São Francisco, e foi a Igreja que pediu para ele parar a greve de fome.

Se essas pessoas tivessem falado comigo ontem, eu teria pedido para eles pararem a greve de fome. E, quem sabe, teria evitado que eles morressem. De forma que eu lamento. Lamento profundamente que uma pessoa se deixe morrer por uma greve de fome. Eu, depois da minha experiência de greve de fome, eu... Pelo amor de Deus, ninguém que queira fazer protesto peça para eu fazer greve de fome que eu não farei mais.

Jornalista: Presidente, mas não mexe com o senhor, pela sua história, um preso político morrendo na prisão em consequência de uma greve de fome? Isso não pode mover o senhor a tentar intermediar essa situação?

Presidente: Não, mas vamos ver. Veja, você tem que intermediar quando você é pedido para intermediar. Vamos pegar o meu exemplo. Vamos pegar os sequestradores do Abílio Diniz. Vocês são todos muito jovens, mas conhecem essa história. Os sequestradores do Abílio Diniz, tinha chileno, tinha argentino, tinha salvadorenho, canadense, tinha brasileiro. Essas pessoas estavam presas há 10 anos, estavam já há mais de trinta dias em greve de fome, e decidiram entrar em greve de fome, uma greve de fome seca, ou seja, iriam para de beber água. E isso seria a morte certa. Era... faltavam poucos dias, poucos dias, era ainda em 2001, eu pessoalmente liguei para o presidente Fernando Henrique Cardoso, o ministro da Justiça me parece que era o Renan



Calheiros, falei com Renan Calheiros, disse ao Presidente da República que não era justo que ele permitisse que carregasse na sua biografia a história da morte das pessoas que sequestraram o Abílio Diniz. Fui ao presídio conversar com os sequestradores, os convenci de não entrar na greve seca, e depois que terminou o natal nós conseguimos um processo de liberação deles.

Ora, essas coisas a gente só pode ajudar quando as pessoas pedem intermediação da gente. Quando as pessoas pedem intermediação da gente e você tem tempo de articular e de conversar, você pode ajudar. E eu não me negarei a ajudar qualquer pessoa, em qualquer lugar do mundo, desde de que eu seja pedido. Eu já falei com o presidente da Indonésia duas vezes sobre a pena de morte de um brasileiro porque tinha lá uma prancha cheia de cocaína. Ele está condenado à morte, está no corredor da morte. Eu já falei duas vezes com o presidente da Indonésia, possivelmente por isso ele ainda na tenha sido morto. Recentemente, eu mandei uma outra carta ao presidente da Indonésia pedindo clemência, levando em conta questões humanitárias para salvar este companheiro.

Ora, se as pessoas procurassem a embaixada brasileira, se as pessoas procurassem o Ministério das Relações Exteriores, se as pessoas tentassem entrar em contato comigo, eu jamais deixaria de atendê-las. O que eu não posso é chegar em um país, me deparar com um artigo de pessoas que dizem que falaram comigo, quando não falaram. Não é o jeito correto de pedir solidariedade e quem me conhece sabe que essa alma aqui pode ser tudo, menos uma alma que não faça solidariedade. Isso faz parte, isso faz parte da minha vida e, portanto, eu não deixo de discutir esses assuntos em lugar nenhum do mundo, desde que seja pedido para mim.

(\$31EGJLQ)